

Organização de
Emanuel Oliveira Medeiros

Educação:
Caminho
para o Século XXI

Actas do I Colóquio de
Filosofia da Educação

Universidade dos Açores
Ponta Delgada

Organização de
Emanuel Oliveira Medeiros

FICHA TÉCNICA:

Publicado por:
Universidade dos Açores
9501-801 PONTA DELGADA
S. Miguel, Açores, Portugal
Telef. 296 650 000

Título:
Educação: Caminho para o Século XXI
Actas do I Colóquio de Filosofia da Educação

Organização:
Emanuel Oliveira Medeiros

Capa:
Emanuel Cordeiro

Data: 2002

ISBN: 972 - 8612 - 08 - 7

Execução Gráfica:
EGA - Ponta Delgada
Telef. 296 284 752 - Fax 296 284 945
Email: ega.acores@iol.pt

Tiragem: 500 exemplares

Depósito Legal: 186 696 / 02

Educação: Caminho para o Século XXI

Actas do I Colóquio de Filosofia da Educação

Realizado na Universidade dos Açores no dia 26 de Junho de 1997

Universidade dos Açores
Ponta Delgada
2002

Índice

Educação: Caminho para o Século XXI

Actas do I Colóquio de Filosofia da Educação

Nota Introdutória	
Emanuel Oliveira Medeiros	9
Sessão de Abertura	
Ermelindo M. Bernardo Peixoto	11
A Educação na viragem do milénio: De Edgar Faure a Jacques Delors.	
Ensaio de enquadramento conceptual	
José Ribeiro Dias	19
Utopia e Realismo na Educação do Futuro	
Roberto Carneiro	33
Educação e Universidade no Séc. XXI	
Vasco Garcia	43

Índice

Que perfil e que competências para os professores da Escola de Hoje?	
Maria L. Cabral de Sousa	49
Dimensão Social da Educação	
Mariano Alves	63
A Dimensão Estética na Educação	
Gabriela Teves Castro	69
Dimensão Política e Cultural da Educação: Desafios para uma cidadania activa e crítica	
Emanuel Oliveira Medeiros	77

Nota Introdutória

Emanuel Oliveira Medeiros
(Organizador do Colóquio)

Este Livro reúne às Comunicações apresentadas no *I Colóquio de Filosofia da Educação*, realizado na Universidade dos Açores no dia 26 de Junho de 1997. Na altura foi um acontecimento educativo e académico que surgiu a propósito da publicação do "Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI". Neste enquadramento de sentido, o Colóquio teve o seguinte tema estruturante: *Educação: Caminho para o Século XXI*.

A Ideia de realização deste Colóquio surgiu no contexto da *Filosofia da Educação*. Para além de ser uma disciplina, a Filosofia da Educação é uma área do conhecimento que interessa à formação de todos. Por esta razão, o Colóquio foi formalmente enquadrado no âmbito da Secção de Currículo e Didácticas do Departamento de Ciências da Educação, configurando, deste modo, um alargamento do *terreno interdisciplinar e transdisciplinar* da Filosofia da Educação como saber fundamental, cada vez mais central no processo de formação de educadores, de professores e dos demais agentes educativos.

A DIMENSÃO ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO

Gabriela Teves Castro¹

Maurice Merleau-Ponty na sua obra *Elogio da filosofia* afirma, citando Stendhal, "é uma felicidade ter como profissão a sua paixão"². Esta é uma realidade que partilho com todos aqueles que tiveram a sorte de poderem trabalhar naquilo para que estavam intrinsecamente motivados. Quando estamos convictos de que aquilo que fazemos é a nossa razão de ser profissional corremos o risco de perspectivar toda a nossa actividade pelo ponto de vista que nos apaixona. Conscientemente corro esse risco e encontro na dimensão filosófica da estética o nó górdio da inteligibilidade da própria humanidade do homem. A arte é a verdadeira força criadora mais profunda do espírito humano, estando a estética presente em todas as dimensões do homem e, de modo muito especial, na dimensão da educação.

Certamente que a questão que neste momento percorre os vossos espíritos é sobremaneira pertinente: o que será que tem a estética a ver com a educação? É o meu objectivo, tentar lançar

¹ Professora Auxiliar da Universidade dos Açores, área de Estética

² Merleau-Ponty, Maurice- *Elogio da filosofia*, trad. de António Braz Teixeira, Guimarães Editores, Lisboa, 1993, p. 10.

algumas pistas de reflexão que nos ajudarão a compreender o papel que essa dimensão, tradicionalmente ligada à arte e ao gozo artístico, tem a ver com a educação.

Para o efeito, dividi este trabalho em três momentos: I- O que é a estética?; II- O que é a educação? e III- A dimensão estética na educação.

I – O que é a estética?

Como é do conhecimento comum a estética é a dimensão do saber que está ligada, principalmente, a uma determinada esfera da vida - à arte. Ora, a palavra arte deriva do latim, *ars/artis* que, em sentido lato, significa habilidade, agilidade e, em sentido restrito, significa instrumento, ofício, ou ciência.

A definição etimológica do termo, revela, assim, a verdadeira essência da arte, na medida em que mais do que analisar a actividade artística, que é visível em determinadas manifestações humanas que requerem conhecimentos técnicos e uma destreza manual, como por exemplo, a pintura, a escultura, a arquitectura, a música, o cinema, a dança e tantas outras, por outro lado, revela o que na verdade importa considerar: que há no ser humano uma função fundamental, a habilidade de produzir a - arte - e que coloco no mesmo plano de outras funções fundamentais como o pensar ou o falar.

A arte é a dimensão por excelência da estética que apesar de aparecer como disciplina independente com Baumgarten, no século XVIII, relacionada com a sensibilidade, isto é, com o acto de captar os objectos que nos rodeiam, por meio dos sentidos, não descora a dimensão afectiva presente nessa percepção. No espectador, a percepção é acompanhada por um sentimento de agrado ou de desgosto no gozo da sua própria sensibilidade. Assim, o termo estética, utilizado por Baumgarten, na esteira de Wolff e de Leibniz expressa “ a perfeição do conhecimento sensitivo”. No entanto, esta noção evolui e o conceito, enriquecido no seu conteúdo semântico, integra, para além da arte e do belo, a dimensão da criatividade, que destaca, por ser aquela que torna inteligível a perspectiva presente neste trabalho.

Interessante de notar que até ao século XVIII, a reflexão incide sobre o belo e a sua natureza, com referências acidentais à arte. A comprovar o que dizemos basta-nos referir os Clássicos e os Medievais. Para Platão o belo é uma ideia transcendente, é uma essência em si, captada somente pela via racional, apoiada na teoria das formas.

Aristóteles não se afasta muito desta interpretação de Platão, pois para este filósofo o critério de beleza, expresso na *Poética*, é pré-existente às coisas nas quais se manifesta. O belo consiste, não naquilo que as coisas são de facto mas, naquilo que devem ser, pelo que se apresenta como um ideal. A arte, para Platão, para Aristóteles, e para a Escolástica que neles se enraíza, deve suplantar a realidade afastando-se dos aspectos sensíveis e procurando um grau superior de perfeição. Ousamos perguntar: e não é isso que deveria ser a educação - a procura de um grau superior de perfeição?

A criação artística, ou criatividade, é a dimensão filosófica da área da estética que directamente nos coloca na inteligibilidade do homem como ser criador, e que de um modo mais directo nos revela as nossas raízes judaico - cristãs nesta matéria.

O principal termo hebraico para imaginação é *yetser*.“ Não é sem consequências que esta palavra deriva da mesma raiz *yzr*, presente no termo para criação (*yetsirah*), criador (*yotser*) e criar (*yatsar*). Tal como a *Enciclopédia Judaica* nos informa: *Yetser* (imaginação), de *yatsar* (criar),“ é o mesmo termo que se encontra no livro de *Génesis*, para “formar” ou “criar”. Estes são os termos com que é relatada a criação do mundo por Deus e a transgressão do primeiro homem assente na sua capacidade de imitar o acto divino ao imaginar (*yetser*)”.

Quando Deus criou (*Yatsar*) Adão à sua imagem (*tselem*) e semelhança (*demuth*) - Deus abriu o homem à perfeição quasi-sobrenatural. Ou seja “a *yetser*, entendida como impulso humano para a criação, coloca o homem numa posição semelhante à do Criador, que no mito adâmico é explicitada pela serpente ao afirmar: Deus sabe que se comerdes deste fruto, os vossos olhos se abrirão e o vosso conhecimento do bem e do mal será semelhante ao de Deus”.

Interessante de notar que esta dimensão da criatividade, baseada na imaginação, não esteve no centro das preocupações dos filósofos que desde a Antiguidade até ao século XVIII se debruçaram sobre estes problemas da estética, mas sim fez parte da problemática da ética pois a imaginação hebraica foi identificada como uma imaginação ética, na medida em que se deu ênfase ao conhecimento do bem e do mal que o homem passou a ter e se esqueceu a dimensão estética, ou seja, a dimensão que colocava o homem com uma capacidade quasi-divina, a de criar. É Kant quem na *Crítica da faculdade de julgar* chama a atenção para a capacidade criativa do homem baseada na imaginação e assim retoma uma inteligibilidade que acreditamos se perdeu na traição das diferentes traduções dos livros sagrados judaico-cristãos. Ora, é essa dimensão da imaginação, essa capacidade que o homem tem de criar, isto é, de fazer aparecer algo, de produzir, que queremos aqui reter.

II - O que é a educação?

Educação é uma palavra que encontra a sua raiz etimológica no latim, em *educere*. *Educere é conduzir fora de*. Educar é pois acompanhar um percurso que implica uma dinâmica transitiva. Educar é partir de onde se está para um algures ideal. Porém, como bem viu Isabel Renaud, a questão coloca-se ao nível do movimento entre o "de ..." e o "para ..." Mais, qual o local do "de..."? Para onde nos leva o "para...".

Ora, todos nós nascemos, por isso estamos aqui, e todos nós carregamos connosco o peso do nosso corpo, não só biológico mas carregamos também o fardo do nosso **corpo-próprio**, como nos ensina Paul Ricoeur, na boa tradição fenomenológica. Isto é, o nosso nascimento não foi de modo algum um acontecimento para nós, mas sim para os que nos rodearam, que desde logo se interligaram connosco determinando a nossa circunstância e envolvendo-nos nos princípios da sua realidade civilizacional, cultural, comunitária, institucional e social.

Assim, desde que existimos, somos envolvidos num processo que nos molda, isto é, que nos educa porque nos ajuda a

desabrochar as virtualidades contidas na nossa natureza e a ajustá-las ao meio no qual estamos inseridos. Deste modo podemos apontar o nascimento como o nosso "de" inicial que procurávamos. Logo a educação será um processo existencial, no sentido que acompanha toda a nossa existência, e que consiste em formar as nossas virtualidades, o nosso espírito, qual flor em botão visando o seu desabrochar.

Por isso a educação deve visar a formação da personalidade e do carácter do ser humano no mundo³, a formação da totalidade do seu ser, pelo que ela é o caminho, sempre aberto, ao desenvolvimento do ser humano como sábio, pessoa e poeta⁴.

Na nossa sociedade, apesar de todos se referirem à família como o momento fundamental da educação, em meu entender, um dos seus momentos cruciais no nosso tempo é a escola, e de um modo especial a sala de aula. As crianças, os adolescentes e os jovens, passam mais de metade do seu tempo formativo na escola e em aulas. É preciso compreendermos o que deve ser uma aula para podermos captar a nossa proposta de transição do "de..." para o "para...", próprio do acto educativo.

III- A dimensão estética na educação

Uma aula não é um obra de arte no sentido em que existe uma mensagem que foi confiada a um material mais estável do que a memória dos homens e que atravessou os séculos transportando a beleza e o prazer da sua contemplação às gerações futuras, como afirma René Huyghe.

Retomemos o problema que retivemos na primeira parte, e interroguemo-nos: se a arte é criação, o que se cria numa sala de aula? O conteúdo temático da disciplina? Não, esse já nos é dado pelos livros, manuais e programas a seguir. Então, o que se cria numa aula? Ou dito de outro modo: qual a sua dimensão *poética*?

³ Entendemos aqui o termo mundo com toda a carga semântico-filosófica que ele encontra na fenomenologia.

⁴ Esta nossa tríade educativa tem como teoria subjacente o aristotelismo na sua compreensão da razão humana como teórica, prática e poética.

Em nosso entender a aula deve fazer aparecer, isto é, criar a comunicação, para nós, a única dimensão possível facilitadora do conduzir de ... para..., próprio da educação. O professor terá de ser um criador de Tolerância no sentido em que ele é o facilitador do intercâmbio dos diferentes "pontos de vista" co-presentes no aqui e no agora de uma sala de aula.

Se uma aula não pode ser uma obra de arte gravada em qualquer material duradouro, ela pode ser uma obra de arte cujo material é o próprio homem. Será necessariamente uma obra finita na dimensão da sua existência, porém alcançará as raias do infinito pelo conhecimento e pelo sentimento que nela se produzir. Se a arte é expressão e comunicação, também uma aula o deve ser. Uma aula onde não passe qualquer expressão ou qualquer comunicação, não sei o que poderá ser, mas aula não foi com certeza. É que, se como afirmou Albert Camus, a arte "não pode ser monólogo", também uma aula não pode, nem deve sê-lo. Uma aula que se centrou num monólogo, perdeu a sua dimensão, pois perdeu-se na ausência da inter-comunicação.

Certamente que nem todas as aulas tem esta característica. Muitas perdem-se na rotina do próprio ensino, no entanto existem "aquelas" que nem professores nem alunos esquecem, pois foram umas "belas aulas" e o professor um "belíssimo docente", ou os alunos "um belo grupo". Estas são as obras de arte a que nos queremos referir e para as quais chamamos a vossa atenção. Porque aconteceram assim? Provavelmente ninguém saberá teorizar, no entanto, todos os intervenientes "viveram", "sentiram" essa bela experiência, que ficará para sempre gravada nas suas memórias.

Procurando encontrar o sentido profundo da experiência estética, Gadamer encontra no Jogo, no Símbolo e na Festa a base antropológica dessa experiência, da qual destaco o Jogo.

A arte é um jogo. A arte é um jogo enquanto impulso livre do artista e expressão da sua liberdade. Mas quem joga, joga sempre com alguém. O jogo da arte é então um "produzir" comunicação entre os jogadores ou entre o que joga e o que vê jogar. "O espectador é claramente alguém mais que um mero observador que contempla o que ocorre perante ele; ele também participa no jogo,

é parte dele". Por isso toda a obra deixa, a quem a recebe, um espaço de jogo que tem de preencher. Em nosso entender esta visão da experiência estética em Gadamer suporta sobremaneira a nossa tese de que a dimensão estética é a dimensão por excelência na sala de aula. A aula é um jogo, um jogo em que os jogadores, professor e alunos, jogam numa comunicação que se não existir anula completamente o objectivo do próprio ensino. Este jogo implica o complemento da obra, que neste caso é a educação, por parte das duas partes envolvidas, alunos e professor. Completam-se mutuamente, preenchem o espaço vazio que de ambos os lados existe. Não vejo o professor como um repositório de sabedoria e os alunos como caixote para onde se despeja todas as teorias que durante anos se estudou, mas encaro o professor como aquele que com uma formação científica mais profunda que a dos seus alunos, utiliza essa sua experiência para os iniciar, orientar e encaminhar nas vias do próprio crescimento académico, intelectual e humano.

Assim como costume dizer que "ser mãe, não é fácil", também ser professor não o é. Ser mãe é dar à luz e acompanhar, compreender, encaminhar, ajudar, estar lá, sempre. Ser professor é criar, é respeitar, é ajudar, é estar intrinsecamente motivado para o ser.

Se como disse F. Heinemann os grandes poetas e os grandes pintores alargam os limites do nosso sentir e as fronteiras do nosso ver, em meu entender também, nós, os *obstetras* do saber⁵, devemos ter como lema: alargar os limites do sentir e as fronteiras do ver, daqueles que transportamos à *luz natural*.

E não será esta a dimensão estética presente na educação?

⁵ A expressão tem em mente a herança socrática na dimensão maiêutica do seu método.